

Leituras na Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro (1874-1889)

Readings at the Municipal Library of Rio de Janeiro (1874-1889)

Marcelo A. M. Domingues
Bibliotecário e Doutorando em História no PPGH/UERJ.
marceloaugusto.bibliotecario@gmail.com

RESUMO: O modelo de biblioteca pública atual surgiu no século XIX muito ligado às demandas de instrução das populações de classes baixas, inclusive, muitas vezes, sendo denominadas de *bibliotecas populares* (em razão do público que atendiam). O presente trabalho, assim, tem como objetivo apresentar e analisar dados sobre as leituras realizadas na *Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro* entre os anos de 1874 (sua abertura) e 1889 (fim do regime monárquico brasileiro). Para tal, foram recuperados dados de leitores e leituras (assuntos) feitos dentro do período proposto, que eram divulgados em diferentes periódicos da época. Além disso, também foi utilizado o catálogo da referida biblioteca como forma de conhecer o acervo. O que se pretende, a partir disso, é mostrar que a Biblioteca estava em funcionamento, integrada à vida cultural da cidade, sendo importante espaço de promoção da leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro; Biblioteca pública; Livros e leitura.

ABSTRACT: The current public library model emerged in the 19th century, closely linked to the educational demands of lower-class populations, and was often referred to as popular libraries (due to the audience they served). This study aims to present and analyze data on readings carried out at the Rio de Janeiro City Library between 1874 (its opening) and 1889 (the end of the Brazilian monarchy). To this end, data on readers and readings (subjects) carried out within the proposed period were retrieved, which were published in different periodicals of the time. In addition, the library's catalog was also used as a way to learn about the collection. The aim of this study is to show that the Library was in operation, integrated into the city's cultural life, and was an important space for promoting reading.

KEYWORDS: Books and Reading; City Library of Rio de Janeiro; Public library.

Introdução

A princípio, é preciso compreender que “o significado de ‘biblioteca pública’ variou como instituição desenvolvida sob o impacto de mudanças econômicas e sociais, e adquiriu muitas implicações e conotações diferentes ao longo de sucessivos períodos de tempo” (Shera, 1970, p. 157, tradução nossa). Nesse sentido, é possível dizer que já havia bibliotecas públicas na Antiguidade (a Biblioteca de Alexandria era uma delas) (Casson, 2018). No entanto, o modelo de biblioteca pública, tal como é conhecido hoje, é recente. Sendo fruto das transformações sociais ocorridas no século XIX (Seavey, 2013), seu surgimento foi uma resposta às necessidades de uma sociedade democrática (Lerner, 1998).

Antes disso havia bibliotecas *servindo ao público*, como as bibliotecas associativas/por subscriçãoⁱ e as bibliotecas circulantesⁱⁱ, mas essas tipologias “tiveram limitações em providenciar serviços bibliotecários para toda a população. Ambas se baseavam, financeiramente, no investimento direto do leitor, que poderia ou não ter renda suficiente imediatamente disponível” (Seavey, 2013, p. 519, tradução nossa). Desta forma, comprehende-se que, muito embora essas tipologias de biblioteca fomentassem a cultura leitora, elas não abarcavam aqueles que não poderiam pagar pelo acesso a materiais de leitura.

Isso posto, é possível entender as bibliotecas públicas como aquelas que visavam fornecer acesso à informação de forma gratuita aos seus usuários. O modelo cuja implementação teve início no século XIX, baseia-se em um financiamento que provém dos recursos governamentais. Isto é, são as instâncias de governo – federais, estaduais ou municipais - que distribuem recursos para a criação ou manutenção desses espaços.

Além das bibliotecas públicas, havia ainda as bibliotecas populares. No século XIX, falar em bibliotecas populares poderia significar tanto aquelas

criadas por iniciativas de instituições privadas ou individuais – como aquela engendrada por Alfredo Moreira Pinto em inícios da década de 1870, na Corte do Rio de Janeiroⁱⁱⁱ –, ou até mesmo empreendimentos governamentais – como aquele que acarretou na Lei nº 1.650 de 21 de dezembro de 1871, na província do Rio de Janeiro. Cabe ressaltar que, por esse motivo, bibliotecas populares não eram necessariamente públicas, mas elas possuíam missões bastante semelhantes ligadas à disseminação da leitura^{iv}.

O estabelecimento de bibliotecas está diretamente ligado tanto ao ambiente social, quanto ao desenvolvimento social (Egan, 1978). Ambos os fatores são determinantes para que haja a criação de instituições como a biblioteca: ela é um produto, não a base de uma sociedade; como tal, seu propósito surge sempre a partir de uma demanda da sociedade a qual integra, nunca nasce dela mesma (Reith, 1984). Portanto, “a criação e o desenvolvimento de bibliotecas dependem, assim, da forma como se desenvolvem os fatores que atuam no processo sociocultural” (Gomes, 1982, p. 20).

Logo, neste trabalho será realizada uma análise das leituras feitas pelos usuários da Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro entre os anos de 1874 (a partir de sua abertura, no mês de dezembro) até 1889, ano da queda do Império brasileiro e ascensão do regime republicano.

Para tal, utilizou-se como fontes o catálogo publicado em 1878, assim como as divulgações de frequência dos leitores e as consultas realizadas, que eram publicadas nos diversos periódicos da Corte^v. A partir disso, foram reunidos dados sobre o acervo, os assuntos procurados pelos leitores em suas consultas e o idioma das obras, para que se possa pensar naquilo que era lido (sobretudo em termos de assuntos e idiomas) pelos leitores da Biblioteca.

Ressalta-se que, durante a pesquisa realizada por meio da Hemeroteca

Digital da Fundação Biblioteca Nacional, não puderam ser localizadas todas as divulgações referentes a todos os meses de todos os anos entre 1874 e 1889. Nesse sentido, foi feita uma média de frequência de leitores e obras consultadas com as divulgações localizadas.

Deste modo, a análise aqui engendrada será realizada a partir das divulgações encontradas – e não, como se desejava, de todas as divulgações feitas. Ainda assim, espera-se apresentar um panorama em relação às leituras feitas – em termos de assuntos consultados de acordo com a classificação feita pela Biblioteca. Ou seja, não se pretende traçar uma história da leitura na referida Biblioteca, mas sim, apresentar e discutir os dados colhidos no que concerne às leituras realizadas dentro do recorte temporal proposto.

Bibliotecas e sociedade

Os dados levantados pelo recenseamento do Brasil realizado em 1872, informaram que o quantitativo daqueles que não sabiam ler e escrever no país correspondia ao total de 6.856.594 pessoas livres (entre os homens chegava a 3.306.602, já entre as mulheres, esse total era de 3.549.992); no Município Neutro, esse número correspondia a 68.714 homens e 58.101 mulheres (Brasil, 1872). Em suma, o Brasil Imperial, em termos educacionais, consistia em uma elite letrada em meio a uma população com altíssimo índice de analfabetismo: “a educação tornou-se inclusive marca distintiva de tais grupos, num país em que o recenseamento de 1872 mostrava que apenas 16% da população era alfabetizada, sendo 23,43% a proporção de homens e 13,43% a de mulheres” (Schwarcz; Starling, 2020, p. 280).

É interessante pensar que o primeiro censo do Brasil Imperial – aquele executado em 1872 – foi realizado em um momento em que parte da imprensa periódica da época noticiava sobre a instalação de bibliotecas

populares como uma maneira de “[...] reverter as trevas da ignorância e promover, simultaneamente, a fé nos livros e no conhecimento para o povo, num verdadeiro programa de regeneração moral da população” (Schapochnik, 2018, p. 205). O jornal *O Movimento*, por exemplo, em 28 de julho de 1872, publicou um editorial falando sobre a relevância das bibliotecas, e as colocando no mesmo patamar de importância da educação, ao mesmo tempo em que chamava os livros de remédio, uma vez que “a influência que exercem no movimento moral e intelectual de um povo, o influxo poderoso que atua sobre os entendimentos, que se consagram ao problema do trabalho e do futuro são incontestáveis” (Bibliothecas, 1872, p. 1). Bibliotecas, portanto, eram concebidas como espaços de instrução da população; símbolos da civilização e do avanço (DeNipoti, 2002; Apolaro; Nascimento, 2018). Se bibliotecas eram de suma importância para a instrução e cultura da população (em especial a menos abastada), era preciso iniciativas que as criassem e mantivessem.

De acordo com David Reith (1984) há três parâmetros que influenciam na organização de bibliotecas: a sociedade e suas instituições; o papel da biblioteca em atender às necessidades sociais; a disseminação da informação e conhecimento. Nesse sentido, concerne ao primeiro parâmetro a ideia de que a sociedade como um todo – ou cada um dos diversos grupos sociais que a compõem –, assim como as instituições por ela mantidas, é que impulsionam a criação de bibliotecas. Isso leva ao segundo parâmetro: a força propulsora de fundação de uma biblioteca parte de uma demanda que visa atender a uma dada necessidade social. O que, por fim, traz em seu bojo o terceiro parâmetro: essa necessidade pode ser entendida como a assistência a uma demanda de informação e conhecimento, de modo que a biblioteca cumpra seu papel de disseminação do conhecimento.

À vista disso, pode-se dizer que a biblioteca possui algumas funções, como: repositório, disseminação da informação e educação (Reith, 1984). A primeira e a segunda estão diretamente relacionadas: a biblioteca é um

espaço de custódia documental, onde tipologias documentais diversas são armazenadas com a finalidade de serem consultadas pelos usuários – a biblioteca guarda ao mesmo tempo em que dá acesso. Concomitantemente, sua função educacional – e aqui pode-se acrescentar uma função cultural – existe em virtude da salvaguarda e disseminação; a biblioteca é o ambiente onde se aprende (os usuários têm acesso ao conhecimento ali disposto) e se apreende (eles também são introduzidos aos códigos culturais e tradições da sociedade em que vivem). Cabe salientar, no entanto, que as funções da biblioteca estão sujeitas ao sistema de valores de uma dada sociedade (Landheer, 1957) - as aqui apontadas podem ser entendidas do ponto de vista ocidental.

Nessa observação é importante para que se compreenda que bibliotecas não se criam como tais sem que haja um motivo. Antes, elas são constituídas a partir de um dado objetivo determinado por uma sociedade ou grupo social. Tal objetivo, ou demanda, só surge a partir do momento que a sociedade ou o grupo social toma consciência de si. Não é a biblioteca que cria a consciência de grupo, esta precede aquela, de modo que “a biblioteca é o resultado do crescimento de uma dose coletiva, que por sua vez a estimula” (Landheer, 1957, p. 212).

A Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro (1874-1889)

De acordo com Castro, a chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, proporcionou um aumento no número de estabelecimentos relacionados à leitura, como livrarias, bibliotecas e gabinetes de leitura, tipografias, etc. O autor comenta ainda que o aparecimento desses locais foi “[...] fruto de uma sociedade em crescimento com urgência em se instruir a fim de acompanhar as inúmeras transformações do século” (2015, p. 42). Neste sentido, entende-se que havia uma demanda social por espaços de leitura que pudessem auxiliar no processo de instrução da população. No entanto, salienta-se que o surgimento de espaços de leitura

foi gradual ao longo das décadas seguintes à chegada da corte portuguesa – pelos anúncios realizados pelo *Almanak Laemmert* entre as décadas de 1850 e 1880, por exemplo, é possível notar tanto a abertura quanto o fechamento de espaços de leitura.

Em inícios da década de 1870, havia no Rio de Janeiro não somente a *Biblioteca Imperial e Pública da Corte*^{vi}, como algumas outras bibliotecas e gabinetes de leituras^{vii}, vinculados ou não a instituições privadas. Esses espaços promoviam, claro, a leitura na cidade, mas, muitas vezes, estavam restritos às elites – inclusive por serem, em alguns casos, ambientes que necessitavam de pagamento de uma taxa para seu usufruto. Por conseguinte, não se pode dizer que a cidade era desprovida de bibliotecas, mas faltava, sim, uma biblioteca que fosse voltada às classes populares.

Anos antes da criação de uma biblioteca popular ou pública (que fosse voltada às camadas menos abastadas da população) na Corte brasileira, alguns manifestos foram publicados nos jornais locais em defesa de tal instituição. Em 28 de julho de 1872, por exemplo, o jornal *O Movimento* saiu em defesa desses espaços, apontando-os como importantes à educação, afirmando: “há necessidade de abrir bibliotecas em todas as grandes cidades, em todos os povoados; disseminemos o gosto pela leitura”. (Bibliothecas, 1872, p. 1). Em outro manifesto, dessa vez publicado no jornal *A Nação* em 20 de março de 1873, assegura-se que “podem estas instituições, convenientemente organizadas, prestar à educação popular um concurso inestimável. Elas podem ser um excelente auxiliar à instrução das classes desfavorecidas, [...]” (Bibliothecas Populares, 1873, p. 1). Percebe-se, portanto, que bibliotecas eram vistas como fundamentais para a educação da população.

Longe de serem comentários ingênuos, tais colocações estavam de acordo com as questões sociais referentes a bibliotecas apresentadas à época. Haja vista que nações como EUA e Inglaterra possuíam diversas bibliotecas públicas ou populares, inclusive patrocinadas pelos recursos públicos^{viii},

era de se esperar que esse modelo fosse exportado ao mundo ocidental.

Pelos textos publicados em favor da instalação de bibliotecas públicas, pode-se supor que a sociedade carioca ansiava por um espaço de leitura (mas também cultura e educação) que pudesse ser acessado por pessoas de classes sociais mais baixas, que não tinham condições financeiras de adquirir livros ou mesmo inscreverem-se em bibliotecas e gabinetes de leitura que cobravam taxas de subscrição. A criação de uma biblioteca pública na Corte brasileira – para além da já existente Biblioteca Imperial e Pública –, assim, era uma demanda social.

Na sessão de 6 de março de 1874, Barroso Pereira, então presidente da Ilustríssima Câmara Municipal, ofereceu à douta instituição uma proposta de criação de uma Biblioteca Municipal que servisse como complementação às escolas municipais. A Biblioteca foi inaugurada em 2 de dezembro daquele mesmo ano, 1874, aniversário do imperador Pedro II (A Bibliotheca..., 1876).

Diversas bibliotecas cariocas oitocentistas tinham o costume de divulgar seus acervos, atividades e pequenos relatórios de frequência mensal nos periódicos da cidade. Com a Biblioteca Municipal não foi diferente. Entre 1874 e 1889 ela divulgou vários informes sobre o número de leitores e a quantidade de obras consultadas mensalmente – estas, por sua vez, eram, muitas vezes, especificadas nos assuntos lidos/procurados e seus respectivos idiomas. Percebeu-se ao longo da análise documental que essa divulgação de frequência e consultas era feita, geralmente, no início de cada mês, referindo-se ao mês anterior. Por exemplo, na primeira semana de março era divulgada a frequência de fevereiro e assim sucessivamente. Observe-se a tabela a seguir referente aos leitores e respectivas consultas entre 1874 e 1889:

Tabela 1 – Meses analisados e médias de leitores e consultas

Ano	Meses analisados	Média de leitores	Média de consultas
1874	1	643	696
1875	11	759,18	886,54
1876	11	1012,36	1321,36
1877	9	886	1247,3
1878	12	624,75	811
1879	10	356,6	499,66
1880	6	343,3	378,5
1881	9	310,2	424,3
1882	10	409,6	464,8
1883	5	468,6	597,6
1884	12	460,6	525,8
1885	12	562,7	676,3
1886	9	481,2	540,2
1887	9	585,3	686,5
1888	10	609,2	765,2
1889	1	477	645

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de *Gazeta de Notícias, O Globo, Jornal do Commercio, A Nação e O Paiz*.

Pela tabela acima percebe-se que a média de leitores que frequentaram a Biblioteca e as respectivas consultas realizadas ao longo dos anos analisados aqui variou consideravelmente. Observa-se que logo no mês de abertura, dezembro de 1874, mais de seiscentos leitores e consultas foram feitas – um quantitativo interessante. No entanto, pelos dados elencados, o ano de 1876 foi aquele com maior quantitativo, enquanto o de 1881, aquele com o menor em relação aos leitores, e 1880 o menor no que diz respeito às consultas.

Também é possível notar que conforme o avançar dos anos em direção ao que seria o fim do regime imperial, os dados mostram que há uma diminuição nesse quantitativo. Isto é, houve um ápice entre 1874 e 1876,

seguido de um declínio nos anos subsequentes. Desta maneira, vê-se que durou somente dois anos - justamente os dois anos iniciais de funcionamento - o que poderia ser considerado como o apogeu da Biblioteca.

Algumas hipóteses podem ser levantadas para refletir sobre esse aumento mais próximo ao ano de abertura, seguido de uma diminuição nos anos seguintes. O aspecto de novidade (uma biblioteca pública recém-aberta na cidade, um novo espaço de sociabilidade) pode ser considerado um fator interessante para se pensar alta frequência. No entanto, sabe-se que é algo bastante raso para manter alto o quantitativo de frequência de usuários. Nesse sentido a diminuição nesse quantitativo pode ter sido motivada, por exemplo, por uma ausência de atualização do acervo, assim como o horário de funcionamento^{ix} ou mesmo a existência de outras bibliotecas na cidade - o que, conjectura-se, pode ter contribuído para uma certa distribuição dos leitores por esses espaços^x.

O informativo mensal seguia uma ordem comunicativa que começava pelos dias do mês em que a Biblioteca abriu, seguindo pela quantidade de leitores que a visitaram, a quantidade de consultas realizadas, prosseguindo com os assuntos consultados e os idiomas. Em certa medida, essas informações apresentadas pelo informativo serviam também como uma comunicação pública não somente do funcionamento da Biblioteca, como de sua *utilidade pública*. Isto é, a Biblioteca mostrava aos cidadãos cariocas que estava em funcionamento e que era utilizada pelos leitores da cidade.

Toda biblioteca precisa de um catálogo

Para entender o que se lia na Biblioteca Municipal, é preciso, antes, conhecer o que possuiu a Biblioteca, isto é, seu acervo. Para tal, faz-se necessário analisar brevemente o primeiro *Catalogo da Bibliotheca*

Municipal, publicado em 1878. A obra, organizada pelo então bibliotecário, Affonso Herculano de Lima, foi concebida a partir do *Manual do Livreiro*, de Brunet^{xi} – muito embora Herculano de Lima admita que nem todas as classificações adotadas pelo autor francês foram utilizadas na produção do catálogo da Biblioteca, haja vista, segundo ele, a pequena quantidade de livros (aproximadamente 18 mil volumes) do acervo.

Nesse catálogo, as 7.712 obras foram divididas em cinco classes principais na seguinte ordem: Teologia, Jurisprudência, Ciências e Artes, Belas Letras e História e Geografia. Essas classes principais foram divididas em classes menores, contendo, geralmente, uma *Parte Geral* e outras partes mais específicas de cada classe. Além disso, também foram elencadas: Bibliografia, Poligrafia, Miscelâneas, Jornais e Revistas, Mapas Soltos, Viagens ao Brasil, Guias de Viagens e os Livros Brochados.

Quadro 1 – Distribuição de obras no *Catálogo*

Classe	Obras
Teologia	479
Jurisprudência	634
Ciências e Artes	3103
Belas Letras	1502
História e Geografia	1365
Bibliografia	33
Poligrafia	44
Miscelâneas	54
Jornais e Revistas	222
Mapas soltos	148
Manuscritos	8
Catálogos	120
Total	7712

Fonte: Elaborado pelo autor a partir do *Catálogo da Biblioteca Municipal* (1878).

A estrutura informativa do *Catálogo* é a seguinte: cada classe e suas subdivisões apresentam uma entrada para o autor dentro da subclasse – SOBRENOME (Nome) –, seguida de referência à(s) sua(s) obra(s) dentro daquela subclasse. Há ainda uma indicação numérica referente à uma ordenação, que possivelmente indica a organização sequencial dos livros nas estantes.

Figura 1 - Entrada para a obras do Abade D. Prospero Aquila

N. de ordem		Vols.
1	AQUILA (ABBADE D. PROSPERO AB) DICCCIONARIO theologico. 2. ^a ed. 1803-04. (Off. de Antonio Rodrigues Galhardo) in-8.	5

Fonte: *Catálogo da Biblioteca Municipal* (1878)

Cabe ressaltar que a história das bibliotecas e dos catálogos – ou da catalogação – está diretamente imbricada. Desde as primeiras bibliotecas foi necessário criar um instrumento que ao mesmo tempo descrevesse um acervo, de modo a representá-lo, e auxiliasse a encontrar os itens ali arrolados. Desta forma, um catálogo “[...] é a ordenação do movimento elementar do pensamento, que consiste em circunscrever, organizando-o em um material mais ou menos homogêneo [...]” (Sordet, 2019, p. 11). Como representação de uma coleção, ele é uma forma de publicizá-la (Sordet, 2019). Um catálogo é, assim, um documento que dá sentido a um dado conjunto de itens através da disposição organizada destes; ele apresenta e representa um acervo.

Por conseguinte, pensar sobre esse catálogo é entender que ele não somente organizava o acervo e indicava o que ele continha, mas também informava ao leitor o que era importante aquela biblioteca possuir – e

oferecer aos seus usuários. Isto é, na medida em que ele elencou classes de assuntos, o *Catálogo* não apenas indicou os temas encontrados no acervo da Biblioteca, como instruiu a esse mesmo leitor que aqueles eram assuntos importantes, afinal, figuravam ali.

Em outras palavras, a organização temática desse catálogo privilegiou alguns assuntos em detrimento de outros, elegendo uma importância conteudista dentro do acervo. Ainda que houvesse um motivo para tal – como já comentado, achava-se o acervo pouco numeroso, mas também poderia ser influência do *Manual Brunet* – as classes elencadas destacam alguns assuntos e escondem outros, ou mesmo unem assuntos aparentemente diferentes (como Ciências e Artes).

A Biblioteca entre 1874 e 1889

Inicialmente é preciso salientar que a comunicação dos dados sobre a frequência dos usuários não explicita nenhuma informação sobre gênero ou mesmo faixa etária dos leitores que visitaram a biblioteca, de modo que não se pode pensar em um perfil pormenorizado desses usuários. De forma semelhante, também não foram explicitadas, em relação às consultas, se elas foram apenas consultas – neste caso realizadas dentro do espaço da biblioteca – ou empréstimo domiciliar. Assim, entendem-se as consultas como acesso ao material.

Colhidos os dados sobre a frequência de leitores e a quantidade das consultas realizadas na Biblioteca Municipal, é possível notar que o numerário foi relativamente cambiante ao longo da década de 1870. Observe-se a tabela abaixo:

Tabela 2 – Usuários e consultas na década de 1870

Ano	Usuários	Consultas
1874	643	696
1875	8351	9752
1876	11136	14535
1877	7974	11226
1878	7497	9732
1879	3566	4497
1880	2060	2271

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de *Gazeta de Notícias, O Globo, Jornal do Commercio, A Nação e O Paiz*.

Percebe-se que no mês de abertura (dezembro de 1874) a biblioteca teve uma quantidade interessante de usuários e de consultas; mesmo tendo sido o mês de inauguração (o único de seu funcionamento em 1874), nota-se que, ainda assim, sua média de leitores e consultas foi superior à de outros anos, como 1880, por exemplo – conforme se observa na tabela 1. Conforme os dados da tabela 2, vê-se que o número de usuários aumentou nos dois anos seguintes, 1875 e 1876, mas sofreu uma queda a partir de 1877 até 1880 – o que também implicou numa diminuição da média de leitores e consultas da Biblioteca (conforme a tabela 1).

No informativo publicado em 5 de dezembro de 1875 no *diário do Rio de Janeiro*, porém, o bibliotecário Herculano de Lima comunica que ao longo do primeiro ano de abertura da Biblioteca ela ficou aberta durante 289 dias, com uma média de 36 usuários por dia. Ou seja, segundo o bibliotecário, no primeiro ano de funcionamento da Biblioteca, ela recebeu, ao todo, 9.373 usuários que consultaram 10.582 obras. Ainda segundo ele, “[...] biblioteca alguma do país, mesmo nos seus mais brilhantes períodos, jamais teve frequência igual ou aproximada da supra indicada, o que denota o subido conceito em que é tida esta criação e o modo por que ela se desempenha para com o público” (Bibliotheca..., 1875, p. 3). Não há dados que possam comprovar o registro de Herculano de Lima, mas é

interessante ver como ele acredita na superioridade da biblioteca sob sua guarda, exaltando-a.

Infere-se tanto pelo informe de Herculano de Lima, como dos dados apresentados na tabela 2, que a biblioteca foi integrada à vida cultural da cidade. Muito embora os números apontem um declínio no quantitativo de leitores e consultas realizadas na década de 1870, ainda assim é possível depreender sobre a importância desse espaço para a capital do Império.

Pelos dados apresentados na tabela 2, é possível que o pico de usuários e consultas nos dois anos iniciais de funcionamento da Biblioteca tenha se dado em função, justamente, de sua abertura. Pode-se supor que os anos iniciais de atividade, em certa medida, tenham gerado algum tipo de *frisson* ou curiosidade por parte dos usuários. Ao menos no início de seu funcionamento, havia um interesse dos usuários pela Biblioteca.

Para visualizar as demandas temáticas desses leitores, observe-se a tabela abaixo:

Tabela 3 – Consultas por assunto na década de 1870

Assunto	1874	1875	1876	1877	1878	1879	1880
Teologia	13	148	512	98	126	11	9
Jurisprudência	4	198	164	98	150	112	65
Ciências e Artes	158	1744	3352	2274	3301	1644	877
Belas Letras	315	3739	3764	2333	3110	912	652
História e Geografia	74	937	396	565	1034	284	149
Outros materiais^{xii}	132	2969	6157	4207	2001	878	489

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de *Gazeta de Notícias*, *O Globo*, *Jornal do Commercio*, *A Nação* e *O Paiz*.

Conforme já explicitado, cinco eram as classes que compunham a divisão

temática do acervo – inclusive elencadas pelo catálogo da Biblioteca em 1878. Na tabela 3 nota-se essa divisão temática e o acréscimo de uma categoria relacionada a outros suportes de informação. De acordo com os dados acima fica explícito que Belas Letras e Ciências e Artes foram os assuntos mais procurados na década de 1870; o primeiro, entre 1874 e 1877, foi o preferido dos leitores, o segundo, foi o mais consultado entre 1878 e 1880. No entanto, ressalta-se a consulta aos outros suportes de informação, como jornais, revistas, mapas e encyclopédias. Pelos dados da tabela 3 essas consultas foram bastante significativas na década de 1870, superando, inclusive a consulta a alguns assuntos.

No que concerne à década de 1880, observe-se a tabela abaixo:

Tabela 4 - Usuários e consultas na década de 1880

Ano	Usuários	Consultas
1881	2792	3819
1882	4096	4648
1883	2343	2988
1884	5528	6310
1885	6753	8116
1886	4331	4862
1887	5268	6179
1888	6092	7652
1889	477	645

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de *Gazeta de Notícias, O Globo, Jornal do Commercio, A Nação e O Paiz*.

Nota-se que, diferentemente da década anterior, a década de 1880 não apresenta um aumento e, depois um declínio, mas sim, pelos dados acima, ela se mostrou mais sinuosa no seu decorrer. Nela, o destaque ficou com o ano de 1885, que teve o maior quantitativo de leitores e consultas

realizadas.

Em relação aos assuntos consultados durante a década de 1880, pode-se notar o seguinte:

Tabela 5 - Consultas por assunto na década de 1880

Assunto	1881	1882	1883	1884	1885	1886	1887	1888	1889
Teologia	46	41	45	119	133	89	129	175	19
Jurisprudência	145	172	137	239	388	169	386	240	28
Ciências e Artes	1640	2116	1198	2150	3043	1341	2131	1647	238
Belas Letras	1036	908	644	1468	2405	1101	1961	1474	213
História e Geografia	376	599	353	592	638	380	599	1439	44
Outros Materiais	630	812	610	1493	1436	708	1012	1373	103

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de *Gazeta de Notícias, O Globo, Jornal do Commercio, A Nação e O Paiz*.

Assim como na década anterior, o assunto mais consultado foi Ciências e Artes – as Belas Letras foram o segundo assunto mais consultado. E, assim como na década anterior, outros materiais, como periódicos, também tiveram presença expressiva nas consultas realizadas pelos leitores ao longo da década de 1880.

É válido salientar que, segundo o *Catálogo* (1878), a classe de Ciências e Artes contava com: Ciências Filosóficas; Ciências Físicas e Químicas; Ciências Naturais; Ciências Médicas; Ciências Matemáticas; Artes; Belas Artes. Já a classe de Belas Letras incluía as seguintes temáticas: Linguística (gramática e tratados relativos à linguagem; léxicos; retórica; poesia e teatro) e Ficções em Prosa (contos, novelas e romances; facéias e peças burlescas; apólogos, fábulas; filologia e história literária; diálogos; epistolografia; excertos). Por sua vez, os materiais como jornais e revistas

não figuram no *Catálogo*.

Em vista disso, no que concerne aos livros, o que se pode inferir sobre a demanda temática dos leitores é que seu perfil de leitura poderia estar relacionado com sua ocupação profissional ou seus estudos. Ou seja, para além das leituras por lazer, é possível que parte das leituras realizadas fossem feitas em razão de estudos ou exercícios profissionais dos leitores – um médico leria sobre ciências médicas e ciências físicas e químicas, por exemplo, mas também poderia ler romances ou peças de teatro, ou mesmo sobre outras ciências.

Por outro lado, pode-se pensar na preferência em relação às leituras de lazer. Tome-se o romance (que se inclui dentro da classe de Belas Letras) como exemplo. Segundo Dumasy-Queffélec (2012, p. 101) “a fascinação exercida pelos grandes romances populares de nossa modernidade se prende à capacidade de suscitar universos em que personagens e ações representam conflitos dos quais se alimenta nosso imaginário coletivo”. Nesse sentido, supõe-se que a procura pelos romances – ou outros gêneros literários que também estivessem ligados à leitura de lazer – fosse uma maneira do leitor proporcionar a si mesmo momentos prazerosos, de relaxamento (ou mesmo fuga do cotidiano).

Refletindo sobre a leitura dos periódicos na biblioteca, destaca-se o pensamento de Popkin (1996) que afirmou que os jornais eram uma forma de propagação e esclarecimento das ideias, de forma que estas pudessem ser debatidas. Ou seja, Jornais e Revistas eram a forma pela qual variadas opiniões e notícias circulavam, de modo a informar o leitor e proporcionar debates públicos.

Em relação aos idiomas das obras encontradas na Biblioteca, elencam-se os seguintes: português, francês, inglês, espanhol, alemão, italiano, latim, grego e tupi. Observem-se as tabelas 6 e 7:

Tabela 6 – Consultas das obras por idioma na década de 1870

Idioma	1874	1875	1876	1877	1878	1879	1880
Português	478	6603	8245	4948	5283	2019	1254
Francês	205	2823	5745	3190	4193	1734	968
Inglês	3	117	195	91	78	46	17
Espanhol	7	164	221	104	100	23	15
Alemão	0	14	27	2	3	6	5
Italiano	2	10	39	13	17	6	5
Latim	1	21	26	5	22	5	4
Grego	0	1	2	0	3	0	0
Tupi	0	5	25	13	18	0	3

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de *Gazeta de Notícias*, *O Globo*, *Jornal do Commercio*, *A Nação* e *O Paiz*.

Tabela 7 - Consultas das obras por idioma na década de 1880

Idioma	1881	1882	1883	1884	1885	1886	1887	1888	1889
Português	1966	2397	1655	3664	4821	2199	3529	3434	387
Francês	1705	2029	1214	2348	2990	1408	2244	2340	232
Inglês	88	130	55	89	157	113	250	81	15
Espanhol	38	25	18	55	43	25	59	129	6
Alemão	18	16	6	11	15	2	11	46	0
Italiano	18	25	15	17	28	12	36	167	1
Latim	21	19	22	32	50	25	47	88	4
Grego	3	0	1	0	2	0	3	27	0
Tupi	0	0	2	2	0	0	0	23	0

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de *Gazeta de Notícias*, *O Globo*, *Jornal do Commercio*, *A Nação* e *O Paiz*.

De acordo com o exposto acima, nota-se que o português, obviamente, foi o idioma com maior número de consultas, seguido pelo francês. Este, na década de 1870, em apenas seis ocasiões suplantou o português como idioma mais consultado: abril de 1876, maio de 1878, agosto, setembro e outubro de 1879 e março de 1880. Já na década de 1880, somente em fevereiro e setembro de 1881 houve uma procura maior por obras em francês em detrimento do português. A grande procura por obras em francês pode ser interpretada a partir da influência do país europeu na cultura brasileira durante o século XIX.

Por sua vez, a presença de outros idiomas no acervo (além do francês, o inglês, o espanhol, o italiano e o alemão) podem ser em razão não somente da doação ou compra de obras nessas línguas, mas também em função da existência de comunidades de imigrantes^{xiii} na capital do Império.

Vale salientar que há dois idiomas que não estão descritos na tabela 4 e que apareceram apenas uma vez: o holandês, em 1877 e o bunda^{xiv}, em 1878. Não se sabe a quantidade de obras no acervo desses idiomas, muito menos que obra foi consultada em cada um deles. Ainda assim, sua presença no acervo é algo a se pensar, uma vez que mostra a diversidade idiomática das obras da Biblioteca Municipal.

Dentre os idiomas presentes no acervo – e elencados nas tabelas 6 e 7 – destaca-se o tupi. É interessante notar a presença dessa língua entre as obras da Biblioteca Municipal, não por ser um idioma indígena, mas sim pelo contexto da época: o *Romantismo*^{xv}. O século XIX foi o momento de florescimento do movimento romântico que, dentre outras características, valorizava as especificidades nacionais. Mesmo que não se pretenda estender a respeito desse tema aqui, destaca-se a presença de obras no idioma tupi justamente no período romântico brasileiro. O que cabe destacar é que algumas vezes a consulta às obras em tupi foi superior à de outros idiomas, como em 1878, cuja quantidade de consultas superou a das obras em latim, italiano e grego.

Considerações finais

A Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro não foi a primeira biblioteca pública da Corte, mas certamente foi um importante espaço de promoção de leitura e instrução da população. Tendo funcionado por aproximadamente 15 anos durante o período imperial (entre 1874 e 1889) ela fez parte dos espaços de leitura na cidade do Rio de Janeiro, quando esta foi Corte e capital do Império do Brasil, contribuindo para a vida cultural da cidade.

A partir da análise feita ao longo deste trabalho, evidencia-se que pensar sobre os leitores dessa Biblioteca é ter em mente, possivelmente, uma comunidade de usuários heterogênea, podendo ser composta por leitores ávidos por notícias divulgadas nos periódicos, por leituras relacionadas à sua ocupação, ou ainda por aqueles interessados na leitura de lazer. Um leitor que, em alguns casos, lia não somente o português, mas também outros idiomas.

Também pelos dados expostos, observou-se que os períodos de funcionamento da Biblioteca aqui estudados, as décadas de 1870 e 1880, não apresentaram um constante crescimento no número de leitores. Pelo contrário, enquanto a década de 1870 foi marcada por um aumento seguido de um declínio, a década de 1880 apresentou altos e baixos em relação aos leitores e suas consultas. Alguns fatores – que carecem de pesquisas mais circunstanciadas – podem ter influenciado. Como apresentado anteriormente, é possível inferir que tanto a elevação quanto a baixa no número de leitores e consultas realizadas foi influenciada pelo acervo. É possível que ele não tenha acompanhado as demandas dos leitores. Isso é, não tenha sido atualizado.

Ressalta-se ainda que, como era de se esperar, a quantidade de leitores impactou na quantidade de consultas realizadas. Ou seja, quanto maior o

número de leitores, maior também foi o número de consultas feitas na Biblioteca.

Com o presente trabalho, o que se pretendeu ressaltar por meio da análise feita foi a importância de uma biblioteca pública na promoção de leitura – ou mesmo na vida cultural – na capital do Império brasileiro. A divulgação do quantitativo de leitores e suas consultas foi um indicativo disso – e poderia até mesmo ter funcionado como estímulo a novos leitores.

Refletir sobre leituras e leitores em uma biblioteca pública no século XIX, no Império brasileiro, é levar em consideração um espaço que proporcionava acesso gratuito a diversos materiais de leitura e assuntos à população das classes menos abastadas. É, também, entender sua importância naquele contexto de aparecimento do modelo de biblioteca pública que se conhece atualmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOLARO, Raquel da Costa; NASCIMENTO, Kuézia Apolaro do.

Bibliotecas da província do Rio de Janeiro no século XIX: memória e história. **Semioses**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 77-97, out./dez. 2018. Disponível em:

<https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/semioses/article/view/226>. Acesso em: 23 mar. 2023.

O APOSTOLO. Rio de Janeiro: [S.n.], 1874-1889. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

A BIBLIOTHECA MUNICIPAL. **Museu Recreativo**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 35-38.

Rio de Janeiro: Dias da Silva Junior, [1876]. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/doctreader.aspx?bib=341797&pasta=ano%20187&pesq=%22biblioteca%20municipal%22&pagfis=23>. Acesso em 5 jul. 2024.

BIBLIOTHECA MUNICIPAL. **Diario do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano 85,

n. 334, p. 3, 5 de dezembro de 1875. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_02&pesq=%22foi%20frequentada%20por%22&pagina=ano%20187&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=33886. Acesso em 6 jul. 2024.

BIBLIOTHECAS. **O Movimento**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 117, p.1, 28 Julho 1872.

Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docr>

eader.aspx?bib=211435&pasta=ano%20187&pesq=%22bibliotecas%20populares%22&pagfis=69. Acesso em: 02 ago. 2023.

BIBLIOTHECAS POPULARES. A Nação, Rio de Janeiro, ano II, n. 44, p. 1-2, 20 de março de 1873. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=586404&pasta=ano%20187&pesq=%22bibliotecas%20populares%22&pagfis=785>. Acesso em 5 set. 2023.

BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. **Recenseamento da população do Brasil a que se procedeu no dia 1 de agosto de 1872**. [Rio de Janeiro]: [s. n.], [1873-1876]. 12 v.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Jacques-Charles Brunet**. Encyclopedia Britannica, February 19, 2024. <https://www.britannica.com/biography/Jacques-Charles-Brunet>. Acesso em: 05 ago. 2024.

CASSON, Lionel. **Bibliotecas no Mundo Antigo**. São Paulo: Vestígio, 2018.

CASTRO, Valdiney Valente de. Quem eram os leitores cariocas do século XIX? **Revista Eletrônica Interfaces**, [S.I.], v. 6, n. 2, 2015. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/rivista_interfaces/article/view/3693. Acesso em: 19 abr. 2024.

CATALOGO DA BIBLIOTHECA MUNICIPAL (publicação oficial). Rio de Janeiro: Typ. Central de Brown e Evaristo, 1878.

CRUZ, Francisco de Menezes Dias da. **Relatório do Bibliothecario Municipal**.

[Rio de Janeiro]: [s.n.], 1879.

DENIPOTI, Cláudio. Templos do GAZETA DE NOTICIAS. Rio de Janeiro: progresso: instituições de leitura no [s.n.], 1874-1889. Disponível em: Brasil oitocentista. **Locus**: Revista de [<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20567>. Acesso em: 19 abr. 2023. **O GLOBO**. Rio de Janeiro: \[s.n.\], 1874-1889. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 mar. 2024.](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-História, [S. I.], v. 8, n. 2, 2002. Disponível digital/>. Acesso em: 25 mar. 2024. em:</p>
</div>
<div data-bbox=)

DIARIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Typographia Rua do Rosario 56, 1874-1889. Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/diario-rio-janeiro/094170>. Acesso em: 05 jan. 2024.

DUMASY-QUEFFÉLEC, Lyse. Universo e imaginários do romance popular. **Livro - Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição**, Cotia, n. 2, 2012.

EGAN, Margaret. The library and the social structure. In GERARD, David (ed.). <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=138916&pasta=ano%20187&pesq=%22bibliotecas%20populares%22&pagfis=238>. Acesso em 22 ago. **Libraries in society**: a reader. London: 2023. Clive Bingley, 1978.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

INDICAÇÃO DAS BIBLIOTECAS DO MUNICIPIO DA CÔRTE E DAS PROVINCIAS DO RIO DE JANEIRO, PERNAMBUCO, ALAGOAS E S. PAULO. **A Instrução Pública**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 4, p. 39, 25 de Janeiro de 1874. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=233048&Pesq=%22que%20consultaram%22&pagfis=900>. Acesso em: 19 mar. 2023.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro: [s.n.], 1874-1889. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 05 mar. 2024.

LABOULAYE, Edouard de. As bibliotecas populares. **A República**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 60, Conferências Populares, 22 de abril de 1871, p. 2. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=138916&pasta=ano%20187&pesq=%22bibliotecas%20populares%22&pagfis=238>.

LABOULAYE, Edouard de. As bibliotecas populares [continuação]. **A República**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 61, Conferências Populares, 25 de abril de 1871, p. 2.

Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=138916&pasta=ano%20187&pesq=%22bibliotecas%20populares%22&pagfis=241>. Acesso em 22 ago. 2023.

LANDHEER, Bartholomew. **Social functions of libraries**. Lanham, Maryland: Scarecrow Press, 1957.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter**

nacional brasileiro: história de uma municipal. **Catalogo da Bibliotheca** ideologia. 6. ed. rev. São Paulo: Ed. **Municipal** (publicação official). Rio de Janeiro: Typ. Central de Brown & Evaristo, 1878.

LERNER, Fred. **Libraries through the ages.** New York: Continuum, 1999.

LIMA, Affonso Herculano de. **Relatorio do bibliothecario interino da Bibliotheca Municipal** Rio de Janeiro: Typ. do Diario do Rio de Janeiro, 1876.

A NAÇÃO. Rio de Janeiro: [S.n.], 1874-1889. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

O PAIZ. Rio de Janeiro: [S.n.], 1874-1889. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

POPKIN, Jeremy. Jornais: a nova face das notícias. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.) **Revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800.** São Paulo: EdUSP, 1996.

REITH, David. The library as a social agency. In ROGERS, Robert A.; MCCHESNEY, Kthryn (orgs.). **The library in society.** Lilteton, Colorado: Libraries Unlimited, 1984.

RELATORIOS e documentos relativos à organização da Bibliotheca Municipal: sessão da Illma. Camara Municipal do Rio de Janeiro de 19 de dezembro de 1874. Rio de Janeiro: Typ. do Diario, 1875.

RIO DE JANEIRO (RJ). Biblioteca

SALOMÃO, Amanda Christina; ALENTEJO, Eduardo da Silva. Bibliotecas circulantes na Inglaterra industrial: práticas biblioteconómicas e sua atuação como novo ambiente de distribuição e circulação de informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. I.], v. 15, n. 2, p. 194-215, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1192>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Livros e leitura para o povo: ascensão e decadência da Bibliotecas Populares no Império Brasileiro, 1870 - 1889. **Historia y Espacio**, [S. I.], v. 14, n. 51, 2018. Disponível em: https://historiayespacio.univalle.edu.co/index.php/historia_y_espacio/article/view/7275. Acesso em: 2 ago. 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia.** 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SEAVEY, Charles A. Public libraries. In: WIEGAND, Wayne A.; DAVIS JR, Donald G. (eds.). **Encyclopedia of library history.** New York: Routledge, 2013.

SHERA, Jesse Hauk. **The foundations of the public library: the origins of the public library movement in New England: 1629-1855.** Chicago: The University of Chicago Press, 1970.

SORDET, Yann. **Da argila à nuvem**: uma história dos catálogos de livros (II milênio - século XXI). Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2019.

Notas

ⁱ Cunha e Cavalcanti (2008, p. 49) mensalmente em periódicos como *O* explicam que essa era uma “biblioteca *Paiz, Jornal do Commercio, O Globo*, comum nos séculos XVII e XIX, que dentre outros.

tinha acervo e manutenção custeados ^{vi} Formada a partir do acervo da Real por pessoas que compravam quotas; Biblioteca da Ajuda, que chegou ao Rio portanto, seus usuários eram os de Janeiro em 1811 e foi, inicialmente, proprietários ou sócios que pagavam instalada no Convento do Carmo. Para anuidade para frequentar suas maiores esclarecimentos, ver instalações".

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa*

ⁱⁱ "Nascidas no seio da Revolução **viagem da biblioteca dos reis**: do Industrial como um negócio privado terremoto de Lisboa à independência que tinha como um de seus principais do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia intuitos o aluguel de livros – das Letras, 2007.

especialmente romances – para o ^{vii} A título de exemplo, em janeiro de público feminino, esses 1874 o periódico *A Instrução Pública* estabelecimentos atuaram, no cenário publicou um pequeno artigo indicando da nova configuração econômica e algumas das bibliotecas existentes na social desencadeada pelo processo cidade: Biblioteca Pública Nacional, revolucionário, como facilitadores no Biblioteca da Marinha, Gabinete que tange ao acesso da mulher à Português de Leitura, British cultura impressa, ainda que visassem Subscription Library, Biblioteca da apenas ao lucro" (Salomão; Alentejo, Academia de Belas Artes, Biblioteca da 2019, p. 196).

Escola Central, Biblioteca do Museu

ⁱⁱⁱ Não há muitos dados a respeito Nacional, Biblioteca do Instituto dessa biblioteca. Sabe-se, porém, que Histórico e Geográfico Brasileiro, tal iniciativa não durou muito tempo – Biblioteca do Mosteiro de São Bento, após seu fechamento, o acervo da Biblioteca do Convento do Carmo, Biblioteca Popular foi doado à Biblioteca da Faculdade de \medicina, Biblioteca Municipal.

Biblioteca da Sociedade Brasileira de

^{iv} Por isso optou-se por citá-las neste Ensaios Literários, Biblioteca da trabalho. Sua importância, presume- Imperial Associação Tipográfica se, é bastante significativa no que Fluminense, Biblioteca da Associação concerne à disseminação da leitura. Germânica, Biblioteca da Associação

^v Essas informações eram divulgadas Retiro Literário Português, Biblioteca da

referidas em 1885; 16 foram Diretoria Geral de Estatística e mencionadas em 1889.

Biblioteca Municipal. ^{xi} Jacques-Charles Brunet (1780 -

^{viii} Diversas cidades e estados 1867) foi um importante bibliógrafo estadunidenses possuíam bibliotecas francês, compilador do *Dicionário* públicas financiadas, fossem pelos *Bibliográfico de Livros Raros*.

impostos dos contribuintes, fossem ^{xii} Nas divulgações de frequência e por filantropos da época. Na consulta, esses materiais começaram a Inglaterra, por sua vez, uma lei de ser informados como “Jornais e 1850 deixava a cargo de cada revistas”. Com o passar do tempo, municipalidade a decisão de instituir foram acrescentados “Mapas, uma biblioteca pública com os encyclopédias, etc.”.

recursos provindos de impostos ^{xiii} Vale lembrar que algumas municipais. comunidades como a portuguesa e a

^{ix} Em 1875, o *Almanak Laemmert* inglesa fundaram bibliotecas na cidade, informa que a Biblioteca funcionava o Gabinete Português de Leitura e a de 9h da manhã às 2h da tarde, e de British Subscription Library, 6h às 9h da noite; em 1880, de 9h da respectivamente.

manhã às 4h da tarde nos dias úteis; ^{xiv} Também conhecido como Mbunda em 1885 e 1889, o *Almanak* comunica ou Vambunda, é uma língua falada em que a Biblioteca abria de 9h da manhã alguns países africanos.

às 3h da tarde nos dias úteis. ^{xv} O Romantismo tem como algumas de

^x No ano de abertura da Biblioteca, suas características “[...] a valorização 1874, o *Almanak Laemmert* lista em da originalidade, da visão pessoal, das seu índice seis bibliotecas; seis diferenças entre as nações” (Leite, 202, bibliotecas também aparecem p. 216).

elencadas em 1880 (além da

Biblioteca Municipal); doze foram